

# REVISITANDO A NOÇÃO DE PESSOA IORUBÁ

Erick Wolff  
Julho 2016



[PERFIL DO FACEBOOK](#)

## RESUMO

O texto revisita, rele, e ressignifica o tema Noção de Pessoa Ioruba, os elementos que compõe o ser humano, sua criação, navegando sobre o entendimento dos conceitos e inter-relações do mundo físico (aiê) e o mundo espiritual (órun).

**PALAVRAS CHAVES:** Iorubas, Noção de Pessoa, Orí, Duplo, Alma.

Nota: Este texto não seguirá as normas gráficas internacionais para o idioma ioruba, utilizando-se de ortografia livre, visando facilitar a compreensão.

## 1. INTRODUÇÃO

Devido às profundas divergências conceituais em todos os autores pioneiros que publicaram sobre o tema Noção de Pessoa Ioruba, este trabalho pretende ressignificá-la, a partir dos artigos que a Revista *Olórun* vem publicando, traduzidos pelo colaborador Luiz L. Marins, como também Aulo Barretti, da Funaculty.

As divergências encontradas nos artigos de vários autores que abordam este tema, como Pierre Verger, Wande Abimbola, Juana Elbein, Jean Zigler, William Bascom, Aulo Barretti, José Beniste, e outros, não nos permite apresentar um texto sob o viés acadêmico, com as devidas citações e referências. Agir assim, seria apenas mais um trabalho confuso, contraditório e divergente, sem conclusão.

Assim, este texto rompe, até certo ponto, com os textos já publicados, procurando através da releitura e ressignificação, um melhor entendimento do tema, sem os vícios e equívocos conceituais dos escritos acadêmicos.

Para começar a compreender a Noção de Pessoa Ioruba, é necessário primariamente entender o conceito de mundo físico e espiritual, as dimensões que envolvem o sentido de existência, a compreensão de nascimento e morte, o entendimento de quem somos, de onde viemos e para onde iremos, através dos elementos físicos, psicológicos, religiosos, abstratos e metafísicos que formam o ser humano.

## 2. ÓRUN – AYÊ: MUNDO FÍSICO, MUNDO ESPIRITUAL PRÓXIMO E MUNDO ESPIRITUAL DISTANTE.

O mundo físico<sup>1</sup>, a Terra, no qual nós seres vivos<sup>2</sup> possuímos consciência<sup>3</sup> e habitamos, é onde vivemos experiências de alegrias e sofrimentos cuja memória de vida<sup>4</sup> deixaremos para nossos descendentes, que poderá ser lembrada ou não. Nele possuímos oportunidade de sermos donos do nosso destino<sup>5</sup> e livre-arbítrio<sup>6</sup>, interagindo com nossa família espiritual<sup>7</sup>, nossos amigos espirituais<sup>8</sup>, e nosso protetor individual<sup>9</sup>.

O mundo espiritual pode ser dividido em: mundo espiritual próximo<sup>10</sup> e mundo espiritual distante<sup>11</sup> (Luiz L. Marins, informação pessoal). Ambos são habitados por seres espirituais.

O mundo espiritual próximo é uma dimensão paralela ao nosso lado, com a presença de espíritos, porém não podemos toca-los. O quarto de santo<sup>12</sup> onde praticamos os rituais e iniciações representa o mundo espiritual próximo. É nele que invocamos as divindades e praticamos as iniciações, é o espaço sagrado do templo onde mantemos contato direto com os seres espirituais. Os assentamentos dos orixás que os representam<sup>13</sup> são sacralizados através dos rituais, mas os orixás não ficam presos nestes assentamentos. O quarto de santo é como um portal onde podemos evoca-los, movimentando suas energias.

---

<sup>1</sup> *Ayé* (Mundo físico)

<sup>2</sup> *Ara-ayé* (seres vivos)

<sup>3</sup> *Èrí-okàn* (consciência)

<sup>4</sup> *Iránti* (memória vida)

<sup>5</sup> *Kádàrá* (destino)

<sup>6</sup> *Ìfẹ́-atinúwa* (livre-arbítrio)

<sup>7</sup> *Ebí òrun* (família espiritual)

<sup>8</sup> *Orẹ òrun* (amigos espirituais)

<sup>9</sup> *Aláàbò* (protetor individual)

<sup>10</sup> *Òrun nítòsí* (mundo espiritual próximo)

<sup>11</sup> *Òrun jinnà* (mundo espiritual distante)

<sup>12</sup> *Yàrá-òrìsà* (quarto de orixá)

<sup>13</sup> *Igbá-Òrìsà* (assentamento/vasilha de orixá)

O mundo espiritual distante é habitado por seres espirituais<sup>14</sup>, e que não temos acesso, é onde *Olódùmarè* mora.<sup>15</sup> Os seres encarnados não possuem acesso a Ele, e *Olódùmare* não fala diretamente como os seres humanos (babalaô Ifatokun, Oió).

### 3. MASSA ANCESTRAL

Matéria genérica de origem de todo indivíduo<sup>16</sup>. Sem ela não possuímos passado nem ancestralidade. Ao nascermos no mundo físico passamos a fazer parte de uma família e, é a partir deste momento que seremos uma parte<sup>17</sup> desta matéria massa ancestral que volta a existir em nós.

Desta forma a partícula desta massa através da nossa encarnação a ancestralidade volta a existir<sup>18</sup>, mantendo viva esta matéria massa ancestral seja do pai ou da mãe do indivíduo, carregando as informações do DNA daquela Ancestralidade.

A partir da nossa existência soma-se mais uma plaqueta nesta sequência genética. Uma fração de um todo, uma parte extraída de uma massa ancestral, que carrega informações daquela ancestralidade, mantendo-a viva, assim funciona como os códigos genéticos.

Sendo assim, no conceito de Noção de Pessoa Ioruba, a matéria massa ancestral volta a existir em nós. Nossos ancestrais estarão renascendo através da nossa existência, transmitindo assim aos descendentes as suas características, e nunca morrendo, garantindo sua eternidade.

---

<sup>14</sup> *Ará-òrun* (seres espirituais)

<sup>15</sup> Os *ìtàn-odù*, histórias sagradas, mostram que *Olódùmarè* não é Onipresente, nem Onisciente, pois estes conceitos pertencem à teologia judaico-cristã.

<sup>16</sup> *Ìpòrí* (matéria massa ancestral)

<sup>17</sup> *Ìpín* (partícula/parte)

<sup>18</sup> *Àtúnwá* (voltar a existência)

4. A PESSOA<sup>19</sup>

Não há um consenso sobre a constituição da pessoa ioruba, e várias definições podem ser encontradas em diversos autores. Não consideraremos as definições já publicadas, até porque algumas julgamos equivocadas. Assim, para efeito deste trabalho usaremos uma definição simplificada, como segue:

Corpo<sup>20</sup> = cabeça (*orí*), tronco (*igbaaia*) e membros (*essé* e *apá*).

Alma<sup>21</sup> = *okàn*, *enikejì*, *émi*.

Respiração<sup>22</sup> = *eêmi*

Porque conceitos tão simples? Porque quanto mais se complica, menos se explica. Então vejamos:

Alguns dividem em cabeça (*orí*)<sup>23</sup> + corpo (*ara*)<sup>24</sup>. Não vemos sentido nisso porque, via de regra, não existe corpo sem cabeça.

Alguns autores, inclusive iorubas, incluem a sombra<sup>25</sup> como parte da pessoa, talvez para simbolizar a alma. É outro conceito que não adotamos, porque sombra, via de regra, não sobrevive à morte, e para representar a alma, há outros conceitos.

Outros incluem o *egun*<sup>26</sup> como parte espiritual da pessoa. Mas esta palavra significa “osso” que pertence ao corpo físico. Ora, osso não sobrevive à morte, pois o que continua a existir não é o osso propriamente dito, mas a alma.

---

<sup>19</sup> *Ènia*.

<sup>20</sup> *Ara* = *orí*, *igbá àyà*, *esè*.

<sup>21</sup> *Okàn*, *enikejì*, *émi*.

<sup>22</sup> *Èémí*.

<sup>23</sup> *Orí*.

<sup>24</sup> *Ara*.

<sup>25</sup> *Òjìjì*.

<sup>26</sup> *Égún* (referindo-se ao espírito)

Acadêmicos usam *enikeji*<sup>27</sup>, a segunda pessoa, que mais confunde que explica porque esta palavra representa também um protetor espiritual (*alabô*)<sup>28</sup>.

*Ori ode* (cabeça externa)<sup>29</sup> paradoxalmente utilizado com a intenção de simbolizar a parte física do homem, e *ori inu* (cabeça interna) também paradoxalmente utilizada para simbolizar a parte espiritual<sup>30</sup>.

Ora, temos outras palavras para fazer estas significações, portanto não consideraremos estes conceitos neste texto, porque serem irracionais (desculpas a quem os usa). Não existe corpo sem cabeça, e vice-versa, de maneira que quando dizemos corpo (*ara*), ou *okán* (alma) incluímos a cabeça nas duas situações. (Luiz L. Marins, informação pessoal).

*Ori* na tradução literal seria cabeça, no entanto, quando um Ioruba se refere a *orí*, ele não se restringe apenas ao corpo físico. A palavra *Ori* significa tudo que está acima, é superior, e dependendo do contexto empregado, a palavra *Ori* transcende a noção da existência, amplificando o seu significado para tudo que estiver no plano espiritual que represente aquele indivíduo.

Bastam estas poucas linhas para mostrar porque não adotamos a definição de pessoa ioruba já publicadas ... elas carecem de sentido prático.

## 5. A DIFERENÇA ENTRE RESPIRAÇÃO E ESPÍRITO

Quando um novo ser nasce no mundo físico, ele recebe o espírito e a respiração. Embora os dois conceitos estejam ligados, eles não são a mesma coisa, e saber separa-los é o primeiro passo para o entendimento da Noção de Pessoa Ioruba, pois dele depende o entendimento dos outros pontos. Gravíssimos erros conceituais surgem a partir de um inadequado conceito entre respiração e espírito.

---

<sup>27</sup> *Enikeji*.

<sup>28</sup> *Alààbò* (protetor individual)

<sup>29</sup> *Orí-òde* (cabeça externa)

<sup>30</sup> *Orí-inú* (cabeça interna)

A confusão conceitual começa com o idioma, pois as palavras iorubas ao serem passadas para o português, sofrem adaptações, e por consequência, perca ou modificação de conceitos:

YORUBA ESCRITA	PORTUGUES TRADUÇÃO	PORTUGUES FONEMA	PORTUGUES ESCRITA
Èmí	Espírito, vida	Êmí	Emí
Èémí	Respiração	Êmí	Emí

Para facilitar os estudos neste ensaio introdutório, usaremos as seguintes formas adaptadas: Respiração: êmí x Espírito: émí

## 6. A ALMA

Antes de nascer no mundo físico, a alma geralmente é chamada de émi. Depois que o ser nasce, é mais acertado chama-la de ókan<sup>31</sup>. As duas palavras podem ser usadas nas duas situações, entretanto, observa-se que enquanto émi generaliza, ókan individualiza, pois, biologicamente falando também quer dizer coração, símbolo dos sentimentos individuais. Exemplos:

1. Deus criou o émi (espírito) dos homens.
2. Todo homem é formado por ara (corpo) e alma (émi).
3. Meu ókan (alma) está muito triste hoje.
4. Nós temos a proteção do ókan (alma) do nosso pai.

Enquanto as frases 1 e 2 generalizam, as frases 3 e 4 individualizam.

Mas isto não é uma regra, é apenas uma forma de expressão que visa facilitar o entendimento, pois elas podem ser usadas inversamente, entretanto, émi não expressa a

---

<sup>31</sup> *Qkàn*.

individualidade do “nosso pai”, pois suas idiossincrasias são melhores subentendidas com o uso da palavra ókan.

Já, para os escritos acadêmicos, uma outra palavra é utilizada: énikeji<sup>32</sup>. A palavra propriamente dita significa um companheiro, um assistente, uma segunda pessoa intimamente ligada a alguém, tanto no mundo físico, como espiritual. Um espírito protetor, um alâbo, é um énikeji, mas não é a alma da pessoa.

Luiz L. Marins, que traduziu material sobre o tema para a Revista Olorun, diz não entender porque a academia prefere o uso de énikeji para significar alma, no sentido do duplo da pessoa, em detrimento de ókan. Segundo ele, o uso da palavra enikeji causou mais confusão do que solução (comunicação pessoal).

## 7. O PENSAMENTO

O pensamento<sup>33</sup> e a memória<sup>34</sup> de quem está vivo não pode ser confundido com a memória do morto (agora vivo em outra dimensão).

A memória existencial, tudo que aprendemos e vivenciamos, do nascimento à morte, é esquisitamente chamada de iyê-apô, sacola de memória<sup>35</sup>, registrando tudo que o nosso cérebro físico<sup>36</sup> processou durante a vida. Na transição da morte do corpo, o cérebro físico desaparece, porem tudo o que foi processado por ele durante a nossa existência fica guardado na memória espiritual<sup>37</sup>, que é a memória eterna do espírito.

Os Iorubas acreditam que esta memória espiritual é eterna, e após a morte, volta a fazer parte da matéria massa ancestral, embora não definam o que realmente acontece com esta

---

<sup>32</sup> *Enikeji*.

<sup>33</sup> *Ironú* (pensamento).

<sup>34</sup> *Irántí-ayé* (memória existencial).

<sup>35</sup> *Iyè-àpò* (saco de memória)

<sup>36</sup> *Opolo* (cérebro)

<sup>37</sup> *Iyè-èmi* (memória espiritual)



memória existencial. É do nosso entendimento que, para o ser espiritual propriamente dito, ele continuará existindo com esta memória.

Entretanto, do ponto de vista de quem está vivo, esta memória poderá ser lembrada e cultuada. Esta ação de um vivente cultivar a memória de alguém que já se foi chama-se: *iranti*<sup>38</sup>.

Cabe ressaltar que *iranti* não é o *iyê-apo*, memória existencial que o morto levou com ele. *Iranti* é a memória que “o vivo tem” do morto. O local onde “nosso *iranti*” lembra os falecidos chama-se *iboku*, lugar de adoração aos mortos. Mas não que o morto esteja obrigatoriamente ali. Tal recinto é apenas o local onde ele é lembrado e cultuado pelos vivos (ainda que possa espiritualmente ali estar, se desejar).

Ser lembrado, cultuado, receber oferendas significa para o morto continuar a viver, de alguma forma, no mundo dos vivos. Daí uma das finalidades do culto dos ancestrais *egungun*, que tem como um dos elementos o osso<sup>39</sup>. Ser esquecido significa morrer socialmente no mundo dos vivos, voltando a fazer parte da massa genérica ancestral, sem individualização.

## 8. O PROTETOR ESPIRITUAL

Um ser espiritual que protege o indivíduo e que pode ser: um ancestral, uma entidade, um orixá, um amigo espiritual, um guia, um parente morto. Está sempre próximo do indivíduo vivo, habitando o mundo espiritual próximo. A palavra *enikeji* muito utilizada por acadêmicos para significar o duplo, ou a alma, está na verdade relacionada muito mais ao protetor espiritual, do que com a alma da pessoa.

---

<sup>38</sup> *Ìránti* (lembrança à memória de um falecido).

<sup>39</sup> *Egúngún, eégún*: culto aos ancestrais. *Egungun, eegun*: osso. As duas palavras são intrínsecas.

## 9. RETORNAR A EXISTIR

Um indivíduo após a morte, mesmo conservando a personalidade com que existiu no mundo, volta a fazer parte matéria massa ancestral. Se tiver sua memória<sup>40</sup> lembrada como ancestral, ele se mantém “vivo” entre os vivos, mas se for esquecido passa a fazer parte da massa genérica ancestral. Esta massa genérica ancestral volta à existência através do descendente.

No conceito Ioruba, o “voltar a existir” ocorre por meio da descendência, ou seja, o descendente é o renascimento da sua ancestralidade, é uma partícula<sup>41</sup> dela. Para o ioruba não há reencarnação no sentido kardecista, onde a alma de fulano reencarnou-se como ciclano ou, fulano é a reencarnação de ciclano.

É por este motivo que um ancestral é cultuado pelos viventes, estando no órun, e ao mesmo tempo pode estar renascido no mundo. Foi por não compreender isto que a acadêmico criou o conceito de “uma parte vai e a outra fica”.

## 10. ALMAS MULTIPLAS

Segundo o pesquisador Luiz L. Marins, um infeliz e lamentável pensamento acadêmico, um equívoco conceitual, inteligentemente elaborado, mas que, quando estudado com mais profundidade, carece de lógica e sentido. Dissertado em teses e artigos de nomes conhecidos como William Bascom, originou à ideia de que o ser humano é formado de várias partes individuais e distintas, separadas entre si, reunidas após a morte, no iboku.

Este conceito acadêmico, que não utilizamos por falta de lógica, trata cada um dos elementos constitutivos do ser humano como uma “alma separada”. Dessa forma, entendem os acadêmicos que após a morte, estas almas se juntam para formar o espírito do morto. Neste tema, há muitos equívocos escritos por acadêmicos.

---

<sup>40</sup> *Irántí* (memória)

<sup>41</sup> *Ìpín*.

## 11. DUPLO-NO ÓRUN E CÓPIA-NO-AIÊ

Esta expressão surgiu com o livro “Os Nagô e a Morte”. O conceito está certo, porém, foi mal explicado, de forma que deu margem a interpretações equivocadas. Por duplo-no-órun se deve entender como alma, e por cópia no aiê, o corpo.

De fato, nossa alma está no órun próximo uma dimensão paralela próxima, ao nosso lado, junto a nós, somos nós mesmos, mas que não podemos ver, ao mesmo tempo acompanha nosso corpo, está em nosso corpo. É nossa alma (ókan) ou o duplo-no-órun que nos dá a vida através da respiração (eêmi). Uma palavra ioruba que significa a própria pessoa e o duplo que a acompanha é: *báraa*.

Esta palavra tem a ver com a pessoa, mas foi, por semelhança, equivocadamente associada à Exu, ou Exu do corpo, ou Bara do corpo, que supostamente daria vida e movimento ao corpo. Um equívoco conceitual que precisa urgentemente ser reparado. Quando Juana Elbein diz que os orixás podem ver o seu *báraa* pessoal, ela refere-se ao corpo espiritual deles mesmos, orixás, e não a Exu. (Luiz L. Marins, informação pessoal).

Com isso, entendemos que este duplo nada mais é do que o nosso corpo físico coexistindo com o nosso corpo espiritual numa simbiose *òrun/ayé*. Seria como se ao fecharmos os nossos olhos, olháramos para dentro do nosso “Eu”, por sabemos que existe o nosso corpo espiritual junto ao nosso corpo físico.

## 12. A SOMBRA

Entendemos que a sombra<sup>42</sup> reflete o corpo físico do indivíduo exposto à luz, e não tem nada a ver com o mundo espiritual ou noção de pessoa. Alguns Oje<sup>43</sup> usam a sombra

---

<sup>42</sup> *Òjiji* (sombra).

<sup>43</sup> *Òjè* – Cargo no culto Egúngún.

como sinônimo de alma do morto e dizem que é a “sombra” que é cultuada no culto de *egúngún*<sup>44</sup>.

### 13. O QUE CULTUAMOS NO BORI

Sabemos que os atos para alimentar Ori são feitos na cabeça e que este ato se chama bori<sup>45</sup>. Neste ritual alimentamos energeticamente nossos Ori físico e espiritual, para que tenhamos força e equilíbrio individual.

Entretanto, não é apenas nosso ori que é cultuado. Através dele cultuamos também nosso *eléda*<sup>46</sup>, nossa massa ancestral de origem, nossa ancestralidade, elementos genéricos, porém, individualizadas em nós. Cultuamos também o nosso protetor espiritual<sup>47</sup> (não tem nada a ver com orixá), e tudo que está relacionado à nossa pessoa no mundo espiritual, no órun. O bori é um culto exclusivo, específico e individual para Ori da pessoa, para o *eléda*, para o *ipóri*. Não para Orixá, pois Orixá é um culto coletivo.

Alguns escritores dizem que é no *igba ori*<sup>48</sup>, *cremeira* ou *ile orí*<sup>49</sup>, que o *enikeji*<sup>50</sup> vem “comer”. De fato, é, mas o *enikeji* que vem ali “comer” é o nosso protetor espiritual, e não a alma da pessoa que sai do corpo para comer no *igba-ori*. Se isso acontecer, a pessoa morre. Este é o motivo de não utilizarmos *enikeji* como conceito de pessoa.

A feitura do *ile ori*, *igba ori*, ou *cremeira*, não é necessária para pessoas que não pretendem seguir a religião. Neste caso, o bori pode ser feito apenas na vasilha e diretamente na cabeça da pessoa, sendo tudo depois despachado.

---

<sup>44</sup> *Egúngún, eégún*: culto aos ancestrais. *Egungun, eegun*: osso. As duas palavras são homógrafas e intrínsecas.

<sup>45</sup> *Borí* – Prestar culto a cabeça, refere-se ao espiritual do indivíduo.

<sup>46</sup> *Eléèdá* – O criador de algo ou alguém.

<sup>47</sup> *Aláààbò* (protetor individual)

<sup>48</sup> *Igbá+Orí* – Refere-se a vasilha, ou assentamento de Ori

<sup>49</sup> *Ilé+Orí* (casa de Ori)

<sup>50</sup> *Enikeji*

Para as pessoas que pretendem seguir a religião, um fator importante na feitura do *igba ori* é a preservação simbólica da personalidade pessoal, diferenciando-a dos símbolos que representam os *orixás*, evitando assim que a pessoa não incorpore o arquétipo do *orixá*, não se personifique como o próprio *orixá*. (Luiz L. Marins, informação pessoal)

Acrescentando, muitas pessoas pensam que qualquer obrigação de *orixá* em cima da cabeça física é um *bori*. Não é, porque, neste caso, quem come é o *orixá*, e não o *ori* da pessoa.

Na morte, o *Ori* cumpriu o seu destino e não precisa mais existir. O *Bori* deve ser desmanchado. Abrindo exceção apenas para poucos que deverão mantê-lo para cultuar a sua memória, no local de adoração dos mortos<sup>51</sup>, caso este indivíduo o mereça.

#### 14. CREMEIRA NÃO TEM OKUTA (PEDRA)

No Batuque do Rio Grande do Sul, o assentamento de *Orí* chamado de “cremeira”, não tem nenhum tipo de pedra, para nenhuma finalidade. O mesmo ocorre na Religião Tradicional Ioruba, conforme informações dos sacerdotes do *Ìsèsè Làgbá*, Babalorixá Zarcel Carnielli (vídeo), Awo Nathan Lugo (apud Luiz L. Marins) e da Dra. Paula Gomes (apud Luiz L. Marins).

---

<sup>51</sup> *Ibókú* (*Ilé Ibò Okú*/ local de adoração aos mortos)

## BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande. *A escolha de Orí na Casa de Àjàlà*, Revista Olorun n° 31, outubro de 2015

\_\_\_\_\_ Wande. *A Concepção Iorubá da Personalidade Humana*, Revista Olorun n° 03, abril de 2012

BASCOM, William. *Concepção Iorubá da Alma*, Revista Olorun n° 37, abril de 2016

MARINS, Luiz L. O Poema *Orí Nikán*: o Culto de *Orí* como *Òrìsà* – 2° edição, Revista Olorun n° 7, janeiro de 2012

\_\_\_\_\_ *Èsù Bara* do Corpo vs *Báara*, a Pessoa, Revista Olorun n° 23, fevereiro de 2015

\_\_\_\_\_ *Debate sobre Orí*, Revista Olorun n° 31, outubro de 2015

VERGER, Pierre. Noção de Pessoa e Linhagem Familiar Entre os Iorubás, Revista Olorun n° 4, junho de 2011

ZIEGLER, Jean. *A Imortalidade Iorubá*, Revista Olorun n° 5, agosto de 2016

Traduzidos pelo colaborador Luiz L. Marins, como também Aulo Barretti, da Funaculty.

## INFORMANTES APUD

LUGO, Nathan. Oloye Aikulola Oluwin-Oosa.

GOMES, Paula. Embaixadora Cultural do Alaafin de Oió.

## VIDEO

CARNIELLI, Zarcel Sérgio Cohen. Youtube. Acessado em 222/07/2016. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=MHkIWBwO68k>